

Mendonça, T. R. O. de; & Queiroz e Melo, M. de F. A. Adoção de Cães por Universitários: um estudo ator-rede sobre a relação humano/não-humano

Adoção de Cães por Universitários: um estudo ator-rede sobre a relação humano/não-humano¹

Adoption of Dogs by University Students: an actor-network study about the human/non-human relation

Adopción de Perros por los Estudiantes Universitarios: un estudio Actor-Red sobre la relación humano/no-humano

Tatiane Rose Oliveira de Mendonça²

Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo³

Resumo

Refletindo sobre a questão do abandono de animais domésticos nas ruas e em estratégias para solucionar esse problema de saúde pública, buscamos compreender a motivação de universitários para a adoção de cães, em suas histórias exitosas e não-exitosas, identificando aspectos relevantes desse processo, bem como seus dificultadores. Sob o aporte teórico-metodológico da Teoria Ator-Rede, intentamos descrever o fenômeno, tendo as narrativas como instrumento preponderante para a obtenção de dados. Verificamos que a adoção de cães se pauta por motivações hedonistas ou altruístas, sendo que, em alguns casos, encontrou-se uma mistura de ambas. Foram comparados ainda, entre adoções exitosas e não-exitosas, elementos que os adotantes consideraram ou desconsideraram nas suas decisões. Este estudo colabora para a redução da escassez de pesquisas sobre o tema no Brasil e pode embasar reflexões sobre estratégias para melhorar as chances de adoção e posse responsável de animais domésticos.

Palavras-chave: Teoria Ator-rede; relação humano/não-humano; relação cães/universitários; adoção.

Abstract

Reflecting on the issue of domestic animals abandonment in the streets and on strategies to solve this public health problem, we've tried to understand the motivation of university students to adopt dogs, in their successful and unsuccessful stories, identifying relevant aspects of this process as well as its obstacles. Under the theoretical-methodological framework of the Actor-Network Theory, we intended to describe the phenomenon, having the narratives as a prevailing instrument for obtaining data. We found that the adoption of dogs is also guided by either altruistic or hedonistic motivations, and, in a few cases, a mixture of both. Elements which the adopting students considered or disregarded in their decisions were also compared between successful and unsuccessful adoptions. This study contributes to the reduction of the lack of researches on the issue in Brazil and may support reflections on strategies to increase the chances of adoption and responsible possession of domestic animals.

Keywords: Actor-network Theory; human/non-human relationship; dogs/university students relationship; adoption.

Resumen

Al reflexionar sobre la cuestión del abandono de animales domésticos en las calles y en las estrategias para hacer frente a este problema de salud pública, tratamos de comprender la motivación de los estudiantes universitarios a adoptar perros callejeros, en sus historias de éxito y de

¹ O presente artigo é resultado de pesquisa realizada com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais. (FAPEMIG).

² Bolsista do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Endereço para correspondência: Laboratório de Pesquisas e Intervenção Psicossocial (LAPIP/UFSJ), Praça Dom Helvécio, 74 - salas 2.09 e 2.10, Campus Dom Bosco, São João del-Rei/MG, CEP: 36301-160. Endereço eletrônico: tatianerose@yahoo.com.br

³ Professora Doutora do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. DPSIC/LAPIP/UFSJ. Endereço eletrônico: fatimaqueiroz.ufsj@gmail.com

Mendonça, T. R. O. de; & Queiroz e Melo, M. de F. A. Adoção de Cães por Universitários: um estudo ator-rede sobre a relação humano/não-humano

fracaso, identificando los aspectos relevantes de este proceso y los obstáculos. Con el aporte teórico y metodológico de la Teoría del Actor-Red, intentamos describir el fenómeno teniendo las narrativas como el principal instrumento para la obtención de datos. Encontramos que la adopción de los perros se rige por motivos hedonistas o altruistas, y en algunos casos, hemos encontrado una mezcla de los dos. También fueron comparados entre las adopciones exitosas y no exitosas, elementos que consideran adoptantes o ignoran en sus decisiones. Este estudio contribuye a la reducción de la escasez de investigación sobre el tema en Brasil y puede basar reflexiones sobre estrategias para mejorar las posibilidades de adopción y tenencia responsable de mascotas.

Palabras-clave: Teoría del Actor-red; relación humano/no humano; relación perros/universitarios; adopción.

Introdução

Este estudo nasceu da necessidade encontrada na realidade da cidade de São João del-Rei – Minas Gerais, comum a várias cidades brasileiras e que se constitui em um problema de saúde pública: o abandono de animais. Sendo a adoção e a posse responsável a estratégia mais indicada para solucionar tal problema segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), buscamos identificar, a partir de histórias de adoção exitosas e não-exitosas, os motivos que levaram esses universitários a adotarem cães, visto que essa prática tem se expandido entre esses jovens. Por meio de revisão de literatura, ficou evidenciada também a carência de pesquisas sobre o tema no Brasil, sendo oportuno desvendar esse fenômeno pela sua atualidade e como emergente de uma realidade comum em nosso País. Acreditamos ainda que, como indicam Nemcová e Novák (2003), pela compreensão desses processos, pode-se planejar estratégias destinadas a melhorar as chances de adoção exitosa de cães, encurtando seu tempo em abrigos temporários ou mesmo, no caso da cidade pesquisada, diminuindo sua permanência nas ruas. Para este estudo, utilizou-se, como aporte teórico-metodológico, a Teoria Ator Rede, uma vez que essa abordagem nos permite estudar as relações entre humanos e não-humanos de forma simétrica, ou seja, considerando os últimos fora de uma relação idealizada e antropocêntrica. Esta abordagem também se distingue por levar em conta o não-humano enquanto um actante, capaz de produzir efeitos, seja com uma ação direta ou como alguém que inspira ação na outra parte envolvida no processo.

A Teoria Ator-Rede como suporte teórico e metodológico

A Teoria Ator-Rede, também conhecida como “Sociologia da tradução”, foi o suporte teórico-metodológico para este estudo por conferir importância aos eventos do cotidiano e porque se propõe a mapear as relações que se dão entre humanos e não-humanos, que constroem e reconstróem a si e à realidade de forma incessante na composição dos coletivos. Essa metodologia torna-se particularmente útil na pesquisa psicossocial, uma vez que esse campo de estudos pode ser narrado em seus múltiplos matizes, se levada em conta a sua constituição híbrida (aspectos humanos e não-humanos em constante interação). As redes, objetos de estudo desta teoria, são consideradas resultados das conexões dinâmicas entre os atores, não podendo esses últimos serem definidos *a priori*, considerando

que novos atores podem ser mobilizados a qualquer tempo (Pedro, 2010). A metodologia adotada se propõe a seguir os atores: 1. identificando e conhecendo as várias histórias que compõem a rede; 2. respeitando sua dinâmica e complexidade, sem tentar fazer reduções; mas 3. levando em conta as várias narrativas oferecidas ao pesquisador como retalhos que compõem uma colcha cuja tessitura poderá ser revelada em sua singularidade, estando ao mesmo tempo conectada a um todo maior (Queiroz e Melo, 2007).

Alguns conceitos elaborados pela Teoria Ator-Rede nos auxiliaram especialmente para a compreensão de nosso objeto de estudo. São eles a noção de rede e de actante, juntamente com os conceitos de simetria e tradução.

Pensar em rede, a partir da Teoria Ator-Rede é pensar em algo dinâmico, fluido, composto por alianças e movimentos. Os elementos que compõem a rede não podem ser compreendidos como entidades estáveis, devendo-se considerar sua capacidade de redefinição da própria identidade e de suas relações (Morais, 2000).

O conceito de simetria na Teoria Ator-Rede nos permite analisar um objeto de estudo, colocando, em um mesmo nível analítico, humanos e não-humanos, sem dar prioridade a qualquer deles, uma vez que, como parte de uma mesma rede, ambos compõem juntos os fenômenos (Tureta & Alcadipani, 2009).

O termo actante aparece na TAR como uma ampliação ao conceito de ator, já que o último termo, em inglês, se limitaria a humanos. Significando atuante e produtor de efeitos na rede, o termo actante pode ser utilizado para designar tanto humanos quanto não-humanos, sendo caracterizado não pela condição de humanidade, mas sim com base na ação, no desempenho (Latour, 2001, citado por Pedro, 2010). Assim, actante não se confunde com indivíduo, pois é híbrido e caracterizado como um ator da rede por possuir agência, por produzir efeitos (Tsallis et al., 2006 citados por Cordeiro, 2010).

Outro conceito útil para a compreensão de nosso objeto de estudo é o conceito de tradução. Para Law (1992), a tradução está atrelada à ideia de transformação ao mesmo tempo que à de equivalência. Como aponta Queiroz e Melo (2007), a tradução implica conservação de aspectos já existentes, ao mesmo tempo em que ocorrem mudanças, resultando em elementos que vão se modificando a partir de novas conexões. Ao utilizarmos dados disponíveis sobre a adoção infantil para compreendermos a adoção de cães, estamos aproximando duas redes e realizando novas conexões entre esses fenômenos, em que algumas características poderão se revelar semelhantes, enquanto novas características vão sendo

construídas produzindo diferenças. Ao procedermos desse modo, estamos realizando uma tradução, ou seja, uma passagem, um deslocamento, uma conexão que antes não existia.

A adoção

Antes de tratar da problemática específica deste artigo, faremos uma breve contextualização sobre o fenômeno da adoção entre humanos, a fim de problematizar tal ação na situação investigada.

A adoção pode ser tomada como a “criação de um relacionamento afiliativo” com características que se diferenciam da paternidade biológica. No processo de adoção, é necessário um período avaliativo, a fim de verificar a adequação dos adotantes ao ente adotado – sendo a recíproca verdadeira –, assim como se torna um imperativo lidar com o desconhecimento da história do adotado e suas características peculiares (Reppold & Hutz, 2003).

Remontando às origens históricas da adoção, Weber (1996) a caracteriza como um movimento que visa principalmente à satisfação dos interesses dos adotantes. Para a autora, essa visão ainda persiste na atualidade, porém hoje se tem pensado a adoção principalmente como um procedimento que beneficia aquele que se encontra em situação de abandono, perspectiva que confere importância aos estudos destinados à compreensão dos fatores motivacionais da adoção.

Vários estudos (Schettini, Amazonas, & Dias, 2006; Weber, 2005, 1996; Camargo, 2005; Reppold & Hutz, 2003; Ebrahim, 2001) já têm trazido a compreensão sobre a adoção de crianças, apontando a satisfação do desejo de ser pai/mãe como uma das principais motivações. Nesse sentido, Weber (2005) considera que alguns dos adotantes são motivados pela crença de que a chegada de uma criança pode resolver seus problemas existenciais, inclusive facilitando a vinda de um filho biológico ou substituindo um ente querido que tenha falecido. Essas motivações são consideradas por Reppold e Hutz (2003) como hedônicas, condição em que a adoção ocorre para satisfazer os desejos dos próprios adotantes, seja fundamentada no próprio desejo de possuir um filho ou por acreditarem que os adotados lhes serão gratos e os ajudarão quando estes precisarem. Outra motivação para a adoção pautada pela lógica do hedonismo, segundo Weber (1996), é o desejo de companhia para um filho único ou mesmo o medo da solidão. Segundo Schettini (1998, citado por Schettini, Amazonas, & Dias, 2006), a motivação pode estar, ainda, no desejo de companhia na velhice. Ainda são apontados como motivadores a caridade e a filantropia (Ebrahim, 2001; Weber,

1996), especialmente nos casos de adoção tardia, em que, por altruísmo, são acolhidas crianças com idade mais avançada.

Guardadas as diferenças, esses dados referentes ao processo de adoção de crianças nos serviram para iluminar o processo de adoção de cães por universitários.

Os animais domésticos e a adoção: identificando elementos da rede

O convívio entre animais e seres humanos se dá desde tempos imemoriais, sendo essa relação permeada pelas características próprias de seu tempo e espaço, variando de acordo com cada momento vivido pelos grupos (Dal-Farra, 2003). Nas relações estabelecidas com os cães, o homem se beneficiava com a proteção territorial e a ajuda na caça, mas hoje, mais que a defesa de território, aparecem necessidades psicológicas para justificar essa parceria (Vaccari & Almeida, 2007). Pode-se constatar que, com o processo de urbanização, os animais tornaram-se cada vez mais presentes dentro dos lares, no convívio com as famílias, sendo considerados, muitas vezes, membros das mesmas (Dal-Farra, 2003).

Alguns dos benefícios da convivência entre homem e animal doméstico têm sido estudados e comprovados. Para os humanos, aponta-se como consequência dessa relação, por exemplo, o alívio para situações de tensão, a possibilidade de descontração e bom humor, de contato físico, de proteção e segurança e a sensação de ser útil a alguém pela necessidade de se assumir como cuidador (Fuchs, 1987, citado por Silva, 2009).

Como apontam Gadermann et al. (2009) em levantamento de várias pesquisas, algumas características dos animais são verificadas como potencializadoras do vínculo com os humanos: o fato de serem facilitadores do convívio social, de terem disponibilidade ininterrupta de afeto, de proporcionarem conforto e companhia, ponto importante especialmente para pessoas que se encontram de alguma forma fragilizadas emocionalmente ou que estão postas à margem da sociedade, como portadores de algumas doenças, moradores de rua, idosos asilados, crianças portadoras de síndromes, portadores de sofrimento psíquico de várias ordens, ou mesmo soldados realizando missões em países distantes. Para esses grupos, como indica a psicanalista junguiana Nise da Silveira (1992), os cães são animais que se tornam “amigos de destino [e,] sem dúvida, para muitos deles, o único elo de vida que dá calor ao rude mundo externo” (p. 20). Outros estudos da mesma autora indicam que o convívio com animais pode ser útil na

Mendonça, T. R. O. de; & Queiroz e Melo, M. de F. A. Adoção de Cães por Universitários: um estudo ator-rede sobre a relação humano/não-humano

promoção de saúde, na redução da mortalidade de pacientes com doenças cardíacas, na diminuição do uso de medicação, do índice de violência e de tentativas de suicídio em enfermarias que contam com animais de estimação como coterapeutas. Como ressalta Beck (1974, citado por Silveira, 1992):

Para ser sadio é necessário ter contato com outras espécies de seres vivos. Se os humanos buscam atingir seu completo potencial de saúde, não podem limitar seu relacionamento à sua própria espécie. Se as pessoas desejam harmonia com sua própria natureza animal, devem sentir todo o mundo vivo em torno delas. (pp. 114-115)

O abandono de animais nas ruas: questão para a saúde pública e para a Psicologia Social

Embora consideremos uma série de benefícios na relação “animal humano” – “animal não-humano”, alguns problemas também surgem, uma vez que a superpopulação canina no Brasil e no mundo representa hoje um relevante problema de saúde pública e de bem-estar animal (Who, 1992 citado por Soto, De Sousa, Risseto, & Lima, 2006). Os animais abandonados nas ruas são um problema para as cidades, podendo proporcionar transmissão de doenças, acidentes de mordedura e acidentes de trânsito (Arca Brasil, 2003), e até mesmo os *campi* das universidades brasileiras têm servido de abrigo para os animais abandonados (Dilly, Costa Junior, Freitas, & Franceschini, 2005). Deve-se levar em conta ainda que a grande população de animais de rua agrava a situação de saúde no Brasil por estarmos vivendo um processo de transição epidemiológica em que ainda se convive de perto com doenças infectoparasitárias e crônico-degenerativas (Costa, Jorge, De Albuquerque Saraiva, & De Lima Coutinho, 2009).

São João del-Rei é um exemplo de cidade brasileira que vem enfrentando problemas com o abandono de animais e seu descarte pelas ruas. Não apenas cães e gatos são encontrados, mas também vacas, porcos e cavalos transitam livremente pela cidade, causando transtornos no trânsito e espalhando lixo, além da possibilidade de transmissão de doenças como leishmaniose, giárdia, sarna e raiva (Moura, Gouvêa, Marinelli, & Vieira, 2012). Quanto às soluções pensadas para resolver tal problema, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, houve um primeiro momento, caracterizado pela *Metodologia da captura e exterminio*, recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), datada de 1973, que visava à apreensão e eutanásia de animais não reclamados em curto

espaço de tempo (Santana & Oliveira, 2006). A partir das críticas recebidas e comprovação da ineficiência de tal ação, inaugura-se uma nova fase, de *prevenção ao abandono*, a partir do 8º Relatório do Comitê de Especialistas em Raiva da OMS (1992), que objetiva uma série de medidas preventivas:

a) controle da população através da esterilização; b) promoção de uma alta cobertura vacinal; c) incentivo a uma educação ambiental voltada para a guarda responsável; d) elaboração e efetiva implementação de legislação específica; e) controle do comércio de animais; f) identificação e registro dos animais; g) recolhimento seletivo dos animais em situação de rua. (Santana & Oliveira, 2006, pp. 9-10)

Assim, a solução encontrada e sugerida pela OMS é, atualmente, o controle populacional de animais domésticos mediante a posse responsável (Dilly et al., 2005), o que, para Langoni et al. (2011), se caracteriza como a

condição na qual o guardião de um animal de companhia aceita e se compromete a assumir uma série de deveres centrados no atendimento das necessidades físicas, psicológicas e ambientais de seu animal, assim como prevenir os riscos potenciais de agressão, transmissão de doenças ou danos a terceiros que seu animal possa causar à comunidade ou ao ambiente, como interpretado pela legislação pertinente. (p. 298)

A adoção de animais domésticos juntamente com a guarda responsável são ações identificadas por nós nessa rede que desejamos estudar, entendendo que, articuladas a outras medidas, poderão se constituir numa estratégia para solucionar o problema das superpopulações caninas nas ruas, especialmente porque a eutanásia, ainda largamente utilizada como forma de controle de zoonoses pelas prefeituras, causa o sofrimento do animal e o desgaste psicológico dos funcionários do departamento de zoonoses dos municípios que a utilizam como prática (Soto et al., 2006), devendo ser superada.

Para a Teoria Ator-Rede, uma Psicologia Social leva em conta os vínculos que se estabelecem entre vários actantes, independentemente se são humanos, não-humanos ou híbridos, uma vez que esses elementos heterogêneos se articulam para formar os coletivos e produzem efeitos muito variados nessa convivência, modificando, inclusive, as premissas iniciais das partes envolvidas. A convivência dos

humanos com animais nos espaços urbanos tem se tornado cada vez mais estreita, até porque vários desses animais estão se deslocando de seus habitats naturais, desalojados pela ocupação crescente de seus espaços por construções feitas pelo homem. No caso dos cães, torna-se evidente uma motivação afetiva que tem regido essa antiga ligação do homem com seus animais domésticos. Para além de um problema de saúde pública, o abandono de cães provoca a necessidade de avaliarmos como essa troca de propriedades se estabelece entre grupos em uma rede de cuidados mútuos. No caso das adoções de cães por universitários – podendo-se ainda ampliar esta problematização para outras situações análogas às adoções entre humanos –, sentimo-nos impulsionados a perguntar quem cuida de quem se invertemos o ângulo do olhar para avaliar essa convivência. Há casos em que se percebe claramente como os adotantes em situação vulnerável podem se beneficiar reciprocamente de um tipo de cuidado diferente por parte dos adotados.

Os Estudantes Universitários como potenciais “adotADORES”⁴

Os estudos universitários caracterizam-se por serem um período de transição na vida dos adolescentes e jovens que passam por essa etapa em que surgem algumas das principais demandas da vida adulta, como a definição da profissão, a possível mudança para uma cidade que ofereça ensino superior e, portanto, o afastamento de pessoas próximas e a necessidade de assumir todas as responsabilidades exigidas pela moradia distante do convívio familiar. Nessa fase, o estudante passa por algumas dificuldades, além da própria separação em relação aos pais, tais como: problemas pessoais gerados pela solidão; limitações na capacidade de relacionar-se e tomar decisões; problemas acadêmicos pela dificuldade de adaptação ao novo ritmo de vida, pela demanda de competências para o estudo e para a expectativa de um padrão de rendimento; e ainda problemas financeiros, de segurança e de gestão da nova casa (Pereira, 1997, citado por Ferraz & Pereira, 2002).

O Projeto *Longe de Casa*, realizado por Moreno e Souza (2009) com os estudantes da Universidade Federal de São João del-Rei, identificou que alguns jovens vivenciam um significativo grau de angústia ao iniciarem seus estudos, reiterando os motivos acima colocados. Ao mesmo tempo, esses jovens convivem com o caráter temporário dessa realidade, já que, dentro de quatro ou cinco anos, devem passar

por outra transformação em suas vidas, quando precisam novamente repensar seus esquemas de sobrevivência para se readaptarem às novas demandas (uma possível volta para a cidade de origem ou ida para outra cidade, procura de emprego etc.), ficando esse período de transição caracterizado pela efemeridade. Esta condição de passagem – de uma posição receptora de cuidados a uma busca de autonomia, de serem cuidados a exercitarem-se como cuidadores – atinge mesmo aqueles que ainda residem com as famílias, pois passam a viver as expectativas de se independizarem dos pais para assumirem as responsabilidades da vida adulta. Verificando a grande incidência da adoção de cães por esse público, buscamos conhecer as motivações para esse ato, bem como as relações estabelecidas entre os estudantes e seus animais.

Método

Para compreender e descrever o fenômeno da adoção, coletamos o conjunto das histórias trazidas por cada ator da rede investigada, valorizando a narrativa dos mesmos enquanto instrumento preponderante para a obtenção dos dados (Queiroz e Melo, 2007).

Partindo dos “movimentos do pesquisador” identificados por Pedro (2010), utilizamos o seguinte método: primeiramente, *buscamos uma porta de entrada*, ou seja, uma maneira de nos inserir na rede para seguirmos os atores. Nossa inserção na rede se deu por intermédio da Sociedade São Francisco de Assis de Proteção Animal, da cidade de São João del-Rei, e do efeito *bola de neve*, em que os próprios universitários nos indicaram novos atores; em seguida, *identificamos os porta-vozes*, selecionando aqueles que pudessem e se dispusessem a “falar pela rede”; no decorrer de todo o processo, *acessamos os dispositivos de inscrição*, ou seja, o material objetivado da rede, por meio da literatura encontrada; posteriormente, *mapeamos as associações entre os actantes*, buscando conhecer as narrativas de cada universitário e, mediante o material coletado, pudemos, então, refletir sobre as relações produzidas e utilizá-las na confecção de novas inscrições que esperamos para poder proporcionar maior conhecimento sobre a rede de adoção de animais.

Resultados

A história contada: características dos atores e histórias de adoção

⁴ Termo cunhado por nós como resultado da fusão das palavras adotadores e atores, caracterizando uma situação de hibridismo.

Para coletar as histórias de adoção de cães, foram realizadas dez entrevistas, sendo oito com universitários, cujas adoções foram exitosas, e duas com universitários, cujas adoções não foram exitosas. Os “adotadores” possuíam, no momento da entrevista, entre 22 e 45 anos de idade e, quanto ao seu local de residência, quatro sujeitos moravam com a família⁵, outros quatro moravam em república e dois moravam sozinhos. Quanto aos seus cursos de graduação, o grupo era diverso, incluindo estudantes de Psicologia, Geografia, Educação Física e Engenharia, dentre outros. O número de animais adotados por entrevistado variou de um a cinco. A renda dos cuidadores variou de R\$ 400,00 a R\$ 3.000,00, sendo que, em ambos os grupos – adoções exitosas e adoções não-exitosas –, havia sujeitos que recebiam valores próximos ao menor e ao maior valor. Percebemos, semelhantemente ao que foi pontuado por Weber (1996) em relação à adoção de crianças, que não é possível fazer associação entre o sucesso da adoção e o nível socioeconômico dos adotantes embora tenha se observado que o fator econômico tenha sido apontado pela maioria dos universitários como dificultador da manutenção da adoção.

No que se refere às características dos animais adotados, não foi encontrada preferência quanto ao sexo dos animais, tendo sido adotados o mesmo número de machos e fêmeas. Os resultados obtidos se diferenciam dos resultados encontrados nas adoções de crianças, sendo que nestas parece haver uma preferência pelo sexo feminino, como apontam Coimbra (2005) e Weber (1996), que encontraram uma média de 60% de adoções de meninas.

Em relação ao porte, somente uma entrevistada relatou já ter possuído cachorro de porte grande, havendo preferência por cães de pequeno e médio portes. Carolina⁶ justifica a escolha de muitas pessoas por cães menores:

“- Por ser de porte grande, é mais complicado, faz mais sujeira, tem que dar mais atenção em relação a passeio, porque são mais carentes em relação a exercício físico”.

Quanto à idade no momento da adoção, oito dos dez cães adotados eram filhotes. Esse dado se assemelha ao encontrado nas adoções de crianças que, em sua maioria, só encontram lares até os três anos de idade, como apresenta Ebrahim (2001), enquadrando-se no perfil considerado adotável, segundo Weber (1996).

⁵ É importante destacar que, como a pesquisa ocorreu durante a greve dos professores universitários de 2012, muitos estudantes que não eram da cidade haviam voltado para as cidades onde residiam suas famílias, reduzindo-se, assim, as chances de participar do estudo.

Segundo Ebrahim (2001), os adotantes tardios⁷ o fazem por se sensibilizarem com a situação de crianças abandonadas, enquanto os adotantes de bebês o fazem por si próprios, para satisfazer a seu próprio desejo de ter um filho. Com a adoção de cães, essa assertiva não parece ser verdadeira, uma vez que também muitos dos que adotaram filhotes o fizeram por se sensibilizarem com a situação de abandono:

“- Tava chovendo muito depois do natal e eu vi um filhotinho meio que jogado junto com o lixo, todo sujinho. ...Foi aí que eu olhei, peguei e levei pra casa” (Carolina).

Em se tratando da adoção de cães, a saúde não parece ser elemento tão privilegiado quanto na adoção de crianças em que, segundo Weber (1996), 76% dos bebês adotados são saudáveis. Metade dos entrevistados adotou cães doentes como no caso abaixo:

- Ela estava superassustada, toda machucada, toda cheia de sarna e ferida, não conseguia ficar de pé nas patas de trás, e aí nós pegamos e pensamos na possibilidade de levar ela pra casa pra pelo menos ela não morrer na rua, porque, pelo que a gente viu, ela ia morrer naquele dia se ela continuasse na rua, que ela tava muito magra, pele e osso, muito fraca, e as pessoas provavelmente não a estavam alimentando pelo fato de que ela estava muito doente, muito cheia de sarna e ferida. Aí, nós pegamos ela pra pelo menos ela morrer com dignidade na nossa casa. (Davi)

Os locais onde os animais foram encontrados pelos universitários variaram entre a Sociedade Protetora dos Animais, as ruas da cidade, a porta de casa e a Universidade (UFSJ) Quatro universitários adotaram cães por intermédio da Sociedade Protetora dos Animais, seja pela página desta no Facebook ou pelas feiras de adoção realizadas. Três estudantes encontraram seus cães nas ruas da cidade e outros três encontraram na porta de casa. Dois cães foram encontrados na própria Universidade.

Quanto à aceitação do animal na casa dos universitários, sete dos entrevistados tiveram problemas; a maioria com os pais. Porém, para todos os universitários que permaneceram com os cães após o período de adaptação, o relacionamento tornou-se satisfatório com a aprovação e aceitação de todos na casa.

⁶ Foram dados nomes fictícios aos entrevistados como garantia de anonimato, como previu o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

⁷ Adotante tardio é um termo utilizado para denominar as pessoas que adotam crianças maiores de três anos de idade.

As adoções exitosas

Ao investigarmos acerca do que ajudou as adoções a perdurarem, uma vez que muitos cães são abandonados após permanecerem um período em uma casa, obtivemos diferentes respostas. Alguns universitários apontaram a disposição em ter um cão associada ao gostar de cachorros e também ao fato de todos em casa gostarem de animais. Ainda são apontados, como fatores de êxito, ter paciência e o fato de não gerar muito gasto financeiro. Já Paulo atribui ao próprio animal o êxito da adoção:

“- O jeito dela, assim, que ela é muito sociável, então isso acabou conquistando as pessoas da família, ...e depois assim, pelo fato de ela ser bonitinha, isso tudo acho que ajuda também as pessoas a gostarem dela”.

O sucesso da adoção também foi associado ao ambiente físico apropriado e a questões ligadas à higiene e educação, como conseguir ensinar comportamentos adequados ao animal. Em um dos casos foi mencionada a possibilidade de companhia para o filho único e em outro a compatibilidade de temperamento de adotantes e adotados:

- Esse processo de adaptação é bem difícil mesmo, você tem que perceber o que o cachorro quer fazer, não tanto o que você quer, né? Eu queria que ele fosse quietinho e ficasse do meu lado o tempo todo, mas ele é muito agitado, gosta de brincar, então tem que respeitar isso. (Tainá)

No processo de adoção, foram encontradas dificuldades na educação do animal, como ultrapassar a primeira fase de filhote, lidar com a bagunça causada pelo cão e, principalmente, a limitação para viajar, apontada pela maioria dos entrevistados. O espaço físico também foi apontado como dificultador:

- As casas que eu escolho pra morar eu pago até um aluguel mais caro, justamente por causa de espaço pra eles, né. Eu não ligo tanto pra dentro da casa, o principal é que tenha espaço pra eles e tenha muro alto pra sair o mínimo de som possível por causa de vizinho. (Bruno)

Além desses fatores, foram apontadas a cota extra de trabalho na rotina diária e, ainda, características do próprio animal, tais como o tamanho e características de personalidade que se diferenciavam muito do modo de vida da família.

As adoções não-exitosas

Houve uma grande dificuldade em encontrar sujeitos cujas adoções não foram exitosas e concordassem em ser entrevistados, sendo que alguns, mesmo tendo feito um cadastro, negaram, inclusive, que houvessem adotado algum cão. Acreditamos que esse é um dado importante a ser relatado, uma vez que indica uma dificuldade por parte dessas pessoas em falar do caso, o que pode ser justificado pelo medo de serem julgadas ou mal interpretadas, ou até mesmo por não terem encontrado uma solução que não fosse o abandono do animal nas ruas. As duas pessoas que aceitaram nos conceder a entrevista encontraram outros lares adotivos para seus cães, sendo este talvez o fator que possibilitou que as entrevistas fossem realizadas.

Participaram dessa etapa de entrevistas dois sujeitos. O tempo de permanência com o cão variou de algumas semanas em um dos casos e cerca de oito meses no outro. Todos os moradores da casa queriam o animal no momento da adoção. Dentre as dificuldades encontradas, foram apontadas características do animal, como agitação e tamanho, visto que cresceu mais do que o esperado, no caso do cão de Nara e problemas de comportamento, no caso do cão de Mariana. Também, apareceram dificuldades como tempo e espaço, conforme aponta Nara:

“- Pela falta de tempo a gente notou que tava fazendo mal pra ele, porque ele tava ficando muito sozinho”.

Quanto à rotina desses animais, ambas as entrevistadas relataram que eles passavam o dia chorando e arrastando objetos que encontrassem pelo caminho, o que elas atribuem ao fato de que o animal não estava satisfeito com o local onde estava, seja pelo tamanho, seja pela ausência de humanos por longos períodos de tempo.

Quanto aos motivos para a desistência da adoção, Nara apontou a falta de espaço e tempo e Mariana o fato de não terem pensado em todas as dificuldades antes de adotar:

- No começo todo mundo quis, todo mundo adorou a ideia, mas eu acho que também não pensou muito nas consequências que teria, ...um monte de gente começou a desistir, não queria mais, não queria mais tomar conta, não queria mais cachorro lá.

As entrevistadas também apontaram mudanças na rotina. Nara apontou para o cuidado com o animal e a preocupação em como tratá-lo melhor. Mariana

assinalou o choro do animal como empecilho para dormir.

Ambas as entrevistadas encontraram um novo lar para o animal:

“- *Em nenhuma hora passou soltar ele como muita gente faz*” (Nara).

Quanto aos sentimentos vividos no momento da entrega, as entrevistadas relataram sentimentos de vazio, tristeza, saudade e, ainda, de culpa por não conseguirem cuidar do animal.

As duas entrevistadas relataram que gostariam de ter outro cão no futuro, quando tivessem condições, e que voltariam a pegar outro cão de rua. Shore (2005) já apontava para tal possibilidade, defendendo a importância de se compreender o fenômeno da adoção buscando elucidar as causas do abandono, uma vez que é grande a chance de que pessoas que tiveram que abandonar um animal em algum momento de suas vidas queiram adotar outro animal em um período posterior num movimento reparador. Quanto à experiência, as universitárias acreditam que aprenderam sobre a necessidade de considerar o orçamento antes de tomar decisões e analisar se realmente possuem o tempo e o espaço necessários para criar um cachorro.

O cão como actante

O cão é tomado como um actante porque produz efeitos com sua ação, com as ações de outros sobre e por ele e com o rastro deixado pela própria ação ou pela ação que *faz fazer* ao outro, o universitário. Como ser que possui agência, o cão faz mudar a relação do universitário com sua casa, seja aumentando os cuidados para a proteção do animal, seja no sentido de proteger objetos da ação do mesmo.

O cão também traz uma série de mudanças na rotina, como a redução do número de viagens ou o compromisso de levá-lo para um hotel e os cuidados com a alimentação, higiene e saúde (providenciar banho e/ou tosa, ter atenção ao período da vacina, tratamento antipulgas e vermífugo), entre outros. A convivência com o cão chega a modificar as relações, restringindo a convivência dos donos com pessoas que não gostam de animais.

Os universitários puderam constatar que o cão possui características próprias de se comportar num grupo que o acolhe, como ser tranquilo ou agitado, ser ciumento, ser sociável, e, ainda, gostos específicos quanto a hábitos, posturas, passeios e jogos. Características em comum com o dono também foram encontradas. Não nos cabe dizer por quais motivos ou quem influenciou quem nessa relação entre adotantes humanos e adotados não-humanos, mas, como apresenta Silva (2009),

destacando um espaço de interferência mútua entre os atores que compõem uma rede:

Seguindo a inspiração da TAR, abandonamos essa questão que trata de quem domina quem, para sair das questões da causalidade. O que se torna campo de atenção da TAR são as produções geradas pelos vínculos, e se estes contribuem com mais ou menos vida no coletivo. (p. 12)

Alguns universitários apresentaram a crença de que o cão fica parecido com o dono, ou, em caso de vários donos (como em repúblicas), que o animal “pega” características de cada um, como nos mostra Carolina:

- *O pessoal sempre compara... inclusive de ser ciumenta, agitada também, eu consigo ver muito dela, muito de mim, nela. Eu acho que a gente tem muita característica em comum, eu acho até engraçado isso, porque acaba que fica mesmo, ...em termos de querer carinho e atenção todo o tempo, eu acho que assim, isso é até difícil pra eu admitir [risos], mas eu acho que a gente se parece.*

Além dos aspectos citados, também é importante ressaltar o aspecto da relação estabelecida com o animal na família, como nos aponta Osório (2011):

A unidade doméstica é o espaço da família e das relações de parentesco, pensadas como relações de afeto. Humaniza-se o animal que habita a casa e se o inclui na família: ele é uma criança, um *bebê*, demanda cuidados, precisa de *mãe*, precisa de *família*. (p. 12, itálicos do autor)

Esse dado, encontrado por Osório, pode ser confirmado neste estudo, pois, como afirma Tainá:

- *Eu brinco que um cachorro é um filho, ...quando era neném chorava o tempo inteiro, né, queria ficar perto e tal. Eu lembro quando ele chegou, nas primeiras semanas, ele não conseguia ficar sozinho muito tempo, até se ele dormisse assim na beira da cama, ele acordava no meio da noite pra chorar.*

Encontrou-se, também, que a relação que o estudante estabelece com o animal não se embasa em uma relação de poder. Contrariamente, percebe-se que a relação estabelecida é de simetria tal como indicam as seguintes afirmações:

Mendonça, T. R. O. de; & Queiroz e Melo, M. de F. A. Adoção de Cães por Universitários: um estudo ator-rede sobre a relação humano/não-humano

- Ela não é só um instrumento a mais da casa, um objeto a mais da casa, mas que ela também é um pouquinho dona de um espaço, que ela também é parte daquilo, assim como eu sou ...Se eu saio, fico um pouco fora, tenho que dar um jeitinho de vir aqui pra por comida pra ela, e às vezes pra fazer companhia, pra ela não ficar sozinha. (Davi)

- Eu tenho que ser o líder, e pra ser o líder eu tenho que ser legal, né. Então é isso, é diferente de um ditador, né, eu não sou um ditador, eu sou um líder, e um líder só é líder porque eles gostam de você e te respeitam, justamente porque você é bacana. (Bernardo)

O cão, enquanto actante, produz efeitos positivos e negativos em seus donos. Dentre os benefícios citados pelos universitários, podemos apontar, segundo as narrativas: “produzem distração”, “são fonte de felicidade”, “trazem energia positiva”, “são facilitadores da comunicação”, “tornam-se companhia, fonte de carinho”, “melhoram o sistema imunológico” e “dão leveza ao ambiente”. Um dos entrevistados fez referência a um acidente que sofreu e necessitou ficar acamado por vários dias, período em que seus animais o ajudaram, inclusive com situações práticas, como pegar objetos, uma vez que eram sua única companhia na casa. Efeitos indesejáveis também foram apontados: o investimento financeiro, a perda de mobilidade e a necessidade de ter que dispor de tempo para os cuidados. Além disso, os estudantes confirmaram o período de adaptação do animal como um obstáculo a ser transposto, principalmente se o cão era filhote na chegada ao novo lar.

As motivações para adoção de cães por universitários

Tal como na adoção de crianças, verificamos que a adoção de cães também se pauta por posturas hedonistas ou altruístas por parte dos adotantes. Observamos, entre os entrevistados, que quatro adoções foram realizadas por altruísmo, como no caso do universitário que acolheu o cão mesmo acreditando que este morreria em breve, apenas para dar-lhe conforto nos últimos momentos de vida.

Em muitos dos casos, no ato da adoção, parece haver uma mistura de altruísmo, por perceber a necessidade do animal, mas também de hedonismo, uma vez que há uma gratificação de desejos do adotante que, na maioria das vezes, já tinha o anseio por ter um animal para estimar e ser por ele estimado. Esses foram os tipos de motivação de dois de nossos sujeitos.

Nos casos em que prevalece o hedonismo, a adoção aparece como uma gratificação do desejo do adotante de ter um cão, o que gera, inclusive, a procura pelo animal. Como também aponta Weber (1996) em relação à adoção entre humanos: “No que se refere às motivações dos pais adotivos, constatou-se que a maioria tinha um interesse pessoal e primordial: satisfazer o desejo de ser pai/mãe” (p. 3). Dois estudantes também apontaram como motivo para a adoção o desejo de ter um cão. As falas não deixam explícito o que exatamente pode dar base para esse desejo, podendo este estar ligado a um desejo infantil para possuir um bichinho/brinquedo de pelúcia ou à necessidade de se exercitar verdadeiramente como um cuidador.

Outro motivo para a adoção é o desejo de ter companhia. Assim como nas adoções de crianças, a motivação para preencher um vazio ou substituir a falta de um ente querido (nesta pesquisa, um cão falecido) também foi encontrada em um dos casos de adoção de cães que investigamos. Analogamente ao relatado por Weber (1996) e Ebrahim (2001) quanto à adoção de crianças, adotar um cão para oferecer companhia a uma criança sem irmãos também se revelou como motivação para ter um cão em um dos casos desta pesquisa.

Em todas as entrevistas, o afeto pelos cães se revelou uma constante, indicando que a afeição pelos animais por parte dos entrevistados já se constituía parte da uma história vivida desde a infância.

Alguns dos universitários entrevistados relataram ter pensando em comprar animais de estimação, porém não levaram a ideia ao ato. Dentre os motivos para adotar um animal sem dono, os universitários apontaram a questão financeira – já que comprar geraria um gasto alto – e a quantidade de cães abandonados pelas ruas:

- Eu sempre tive experiência muito boa com vira-lata, então não preciso de um cachorro de raça, ...não vou gastar dinheiro comprando um cachorro sendo que tem um monte aí que não tem casa ...e em São João del-Rei tem muito cachorro na rua. (Davi)

Conclusão

Pode-se perceber, a partir dos relatos dos estudantes, que o sentimento de afeição e o desejo em possuir um animal de estimação, aqui especialmente um cão, não ocorrem apenas na adultez, mas é algo que acompanha toda a vida do sujeito, tendo sua origem na infância. Esse dado nos faz pensar na importância de campanhas de educação que objetivem trabalhar questões como o

abandono de animais, a guarda responsável e a importância do respeito para com esses seres.

Quanto à relação entre as motivações para a adoção e o sucesso da mesma, embora não possamos relacionar as motivações e o não-êxito da adoção, notou-se que, nas adoções não-exitosas que conseguimos investigar, a motivação para a adoção pautou-se unicamente no hedonismo, ou seja, na satisfação do próprio desejo de ter um animal. Já nas adoções exitosas, dentre os oito entrevistados, quatro o fizeram por altruísmo, buscando ajudar o animal encontrado a viver em uma melhor situação, e dois pela mistura de altruísmo e hedonismo, caracterizada pelo desejo de ter um animal somado ao encontro com um animal em situação de risco necessitando de ajuda. Percebe-se, com esse dado, que as adoções por altruísmo têm um papel importante no desenvolvimento da capacidade de esses universitários se testarem como cuidadores, marcando, assim, a ultrapassagem de um período em que foram cuidados nas casas de suas famílias para uma condição mais adulta, de autonomia e independência das figuras paternas, podendo ser eles mesmos as referências de cuidados em relação aos entes adotados. Reafirmamos a necessidade de pensar em ações que problematizem e busquem estratégias para a relação desses animais com os humanos para que a situação de abandono dos cães nas ruas não se imponha como uma mensagem de negligência e incapacidade de convivência responsável com aqueles que dependem de nossos cuidados.

Referências

- Arca Brasil. (2003). *Estatísticas sobre cães e gatos em São Paulo*. Recuperado em 3 de junho, 2013, de http://www.arcabrasil.org.br/animais/caes_e_gatos/estatistica.htm
- Camargo, M. L. (2005). Adoção tardia no Brasil: Desafios e perspectivas para o cuidado com crianças e adolescentes. *Anais 1º Simpósio Internacional do Adolescente*. Recuperado em 1 de junho, 2013, de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082005000200013&script=sci_arttext&tlng=pt
- Coimbra, J. C. (2005). A demanda nos processos de habilitação para adoção e a função dos dispositivos judiciais. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 5(2), 67-78. Recuperado em 24 de janeiro, 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v5n2/v5n2a08.pdf>
- Cordeiro, M. P. (2010). Psicologia Social ou Psicologia das Associações? A perspectiva latouriana de sociedade. *Psico*, 41(3), 303-309.
- Costa, E. C., Jorge, M. S. B. J., De Albuquerque Saraiva, E. R., & De Lima Coutinho, M. P. (2009). Aspectos psicossociais da convivência de idosos com animais de estimação: Uma interação social alternativa. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11, 2-15.
- Dal-Farra, R. A. (2003). Representações de animais de companhia na cultura contemporânea: Uma análise na mídia impressa. *Semiosfera*, 3(7). Recuperado em 24 de fevereiro, 2014, de http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/antiores/semiosfera07/conteudo_rep_rdalffarra.htm
- Dilly, B. L. G.; Costa Junior, N. B.; Freitas, R. B.; Franceschini, E. M. (2005). Tratamento dado ao problema de abandono de cães na UNICAMP. *Revista Ciências do Ambiente On-Line*, 1(1), 56-62. Recuperado em 20 de fevereiro, 2014, de <http://www2.ib.unicamp.br/revista/be310/index.php/be310/article/viewFile/23/11>
- Ebrahim, S. G. (2001). Adoção Tardia: Altruísmo, Maturidade e Estabilidade Emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 73-80.
- Ferraz, M. F. & Pereira, A. S. (2002). A dinâmica da personalidade e o *homesickness* (saúde de casa) dos jovens estudantes universitários. Portugal: *Psicologia, Saúde & Doenças*, 3(2), 149-164.
- Langoni, H., Troncarelli, M. Z., Rodrigues, E. C., Harumi, V., Henriques, M. V., Silva, K. M. et al. (2011, junho). Conhecimento da população de Botucatu-SP sobre guarda responsável de cães e gatos. *Veterinária e Zootecnia*, 18(2), 297-305.
- Law, J. (1992). *Notas sobre a teoria do ator-rede: ordenamento, estratégia e heterogeneidade* (F. Manso, Trad.). Recuperado em 2 de junho, 2013, de <http://www.necso.ufrj.br>
- Morais, M. O. (2000). O conhecimento científico: Da epistemologia às redes sociotécnicas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 3(52), 76-88.

Mendonça, T. R. O. de; & Queiroz e Melo, M. de F. A. Adoção de Cães por Universitários: um estudo ator-rede sobre a relação humano/não-humano

- Moreno, I. V. S. L. & Souza, S. M. S. (2009). Longe de Casa: Ajudando estudantes Universitários a superarem o desafio da distância. *Relatório Técnico de projeto de extensão – PROEXT*. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei.
- Moura, A., Gouvêa, C. A., Marinelli, I., & Vieira, Q. (2012). Animais de rua ainda são um problema [Reportagem sobre projeto de lei abordando controle de animais abandonados em São João del-Rei]. *Ora-Pro-Nobis*, 7.
- Nemcová, D. & Novák, P. (2003). Adoption of Dogs in the Czech Republic. *ACTA VET. BRNO*, 72, 421-427. Recuperado em 26 de junho, 2013, de <http://actavet.vfu.cz/pdf/200372030421.pdf>
- Osório, A. B. (2011). “Não se compra um amigo”: Afeto e emoções nas relações com animais de estimação. In *Congresso Internacional da Alas – UFPE*, Recife, PE, Brasil, 18.
- Pedro, R. (2010). Sobre redes e controvérsias: Ferramentas para compor cartografias psicossociais. In A. A. L. Ferreira, L. de L. Freire, M. Moraes, & R. J. J. Arendt (Orgs.), *Teoria Ator-Rede e Psicologia* (pp.78-96). Rio de Janeiro: Nau.
- Queiroz e Melo, M. F. A. (2007). Seguindo as pipas com a metodologia da TAR. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 19(1), 169-186.
- Reppold, C. T. & Hutz, C. S. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: Características psicossociais das mães adotivas. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 25-36.
- Santana, L. R. & Oliveira, T. P. (2006). *Guarda responsável e dignidade dos animais* (pp 01-41). Recuperado em 3 de junho, 2013, de <http://www.abolicionismoanimal.org.br/artigos/guardaresponsveledignidadedodosanimais.pdf>
- Schettini, S. S. M., Amazonas, M. C. L. A., & Dias, C. M. S. B. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 285-293.
- Shore, E. R. (2005). Returning a Recently Adopted Companion Animal: Adopters’ Reasons for and Reactions to the Failed Adoption Experience. *Journal of applied animal welfare science*, 8(3), 187–198. Recuperado em 24 de junho, 2013, de http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15327604jaws0803_3#.UwuQVeNdV0U
- Silva, A. M. C. (2009). *Figurações de Latour: Noel Rosa, um carioca da gema*. Texto de Aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, disciplina Tópicos Especiais em Psicologia Social I, tema Sociologia do ator-rede, em 29/08/2009. Recuperado em 2 de junho, 2013, de http://xa.yimg.com/kq/groups/24051282/2064404955/name/090831_alegoria.pdf
- Silveira, N. (1992). *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora Ática.
- Soto, F. R. M., De Sousa, A. J., Risseto, M. R., & Lima, B. F. M. S. (2006). Adoção de cães no município de Ibiúna – SP – Brasil: Análise crítica. *Revista Ciência em Extensão*, 3(1).
- Tureta, C. & Alcadipani, R. (2009). O objeto na análise organizacional: A teoria ator-rede como método de análise da participação dos não-humanos no processo organizativo. *Cadernos EBAPE. BR*, 7(1), 50-70. Recuperado em 24 de fevereiro, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v7n1/v7n1a05>
- Vaccari, A. M. H & Almeida, F. A. (2007). A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. *Einstein*, 5(2), 111-116. Recuperado em 24 de fevereiro, 2014, de http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/419-Einstein5-2_Online_AO419_pg111-116.pdf
- Weber, L. N. D. (1996). Famílias adotivas e mitos sobre o laço de sangue. *Jornal Contato, CRP – 08* (79), 15. Recuperado em 2 de junho, 2013, de <http://lidiaweber.com.br/Artigos/1996/1996Famíliasadotivasemitossobrelacoedesangue.pdf>
- Weber, L. N. D. (2005). Abandono, institucionalização e adoção no Brasil: problemas e soluções. *O Social em Questão*, 14, 53-70.

Recebido: 12/03/2014
Aprovado: 28/04/2014